

TRILHA DOS SONHOS:
OS OLHOS DO ESPANTALHO
RENATO ANTUNES
**OS OLHOS DO ESPANTALHO Renato
Antunes**

*O conteúdo desta obra é de responsabilidade
exclusiva do autor.*

*Sonhos são sentimentos recheados de emoções e
embrulhado para presente com imagens.*

PARTE 1

LAURA

O CHAMADO

Capítulo 1

Seis horas da manhã em um dia frio. Mas um dia especial. Seu coração se encheu de alegria. Em meio à neblina, ela a viu chegando, ao descer do ônibus na pequena rodoviária da cidade do interior de São Paulo. A filha, Laura, acenou para ela, depois foi até ao bagageiro do ônibus, esperou com calma que o atendente retirasse sua mala de rodinhas e veio em direção à mãe, sorrindo em meio a pesada névoa serrana que predominava no ambiente.

- Então é esta a cidade mais caipira do Brasil, mãe?

As duas deram um grande e carinhoso abraço. A filha Laura, uma jovem de dezesseis anos, agora olha com seus olhos negros para a mãe. A mãe diz a ela:

- Você é a minha cara, sabia, filha?

- Então eu tenho sorte, todo mundo acha você linda, mãe.

Quando ela disse aquilo, uma súbita ansiedade tomou conta de Laura: a filha se lembrou da enchente. Elas continuam caminhando.

- Como está a cidade, mãe?

- Ainda há sinais da inundação, mas eu acho que a cidade vai se recuperando aos poucos da tragédia que quase a destruiu.

- Foi tão grave assim?

Laura perguntou à mãe enquanto saíam da pequena rodoviária.

- Foi terrível. Causou enorme destruição, principalmente ao seu patrimônio histórico, mas a vida sempre dá um jeito de seguir em frente.

- Eu li que após o desastre, a cidade viveu um intenso processo de reconstrução.

- Foi uma longa viagem do Rio até aqui, filha.

Vamos para casa. Você precisa descansar.

Depois eu vou te mostrar o que a pequena cidade tem de melhor. Vamos ver se uma carioca da gema vai gostar da roça. Meu carro está na próxima esquina.

Elas saíram da pequena cidade pela rodovia que acompanhava a margem do rio. O ar

estava gelado, cerca de seis graus. A chuva da madrugada deu lugar a um sol levemente luminoso, e o cheiro da terra molhada persistia. Logo, pela janela do carro, Laura viu uma casa simples fora dos limites da cidade.

Uma residência discreta. Agora ela aprecia uma paisagem especial em meio à neblina, o Parque Estadual da Serra do Mar.

- Eu trouxe tênis e mochila. Vamos fazer uma caminhada pela serra, mãe?

- Claro, a Trilha das Seis Cachoeiras é especial, mas, primeiro, você vai tomar seu café da manhã e dormir um pouco. A viagem deve ter sido cansativa. Depois vamos ao centro histórico da cidade. Quero que veja a herança arquitetônica do período cafeeiro que deu à cidade o título de Patrimônio Estadual e Nacional.

- Ótimo, mãe. Eu passei quase a noite toda acordada, ansiosa para revê-la. Agora estou morrendo de sono.

Assim que estacionou o carro, pegou a bagagem de sua filha e olhou para a porta da casa à sua frente.

- Foi neste lugar, filha... Aqui fui criada e agora você está aqui ao meu lado, pela primeira vez. Isto é especial para mim. Ela sorriu e cruzou seu braço esquerdo com o braço direito de sua mãe. Quando as duas entraram em casa, a filha se sentiu bem.

Nunca havia estado lá, mas se sentia em casa. O lar era decorado com temas campestres. Ela

viu a foto dela em um porta-retratos em uma estante. A mesa de madeira no centro da copa estava repleta. Aquilo que ela viu não era um simples café da manhã, mas uma refeição completa: todo tipo de pão, queijo branco, muçarela, presunto, bolos...

- Mãe, não precisava disso...

Então ela viu e levou suas duas mãos à boca: - A torta de limão que eu adoro!

A mãe ficou feliz com a reação da filha. - Eu acho que esta torta ficou especial, filha.

Laura estava com fome; comeu com gosto. - - -
-Eu nunca esqueci o sabor da sua comida, mãe.

Espreguiçou-se em sua cama, e depois ela sorriu quando a mãe disse:

- Você virou uma bela mulher, mas para mim sempre será minha princesinha.

A mãe deu um beijo na testa da filha e a assistiu cair em um sono profundo. Já era meio da manhã quando ela acordou. - Pronta para conhecer a cidade?

A CIDADE MAIS CAIPIRA DO BRASIL

Após a enchente, a Igreja Matriz foi reerguida com êxito e inaugurada com grande festa.

Laura viu atrações como o Instituto Manoel Sidra, um casarão reformado que conta a trajetória do músico nascido na cidade. Viu as casas coloridas, ora azuis, ora amarelas, ora

vermelhas. Elas descem pela ladeira de paralelepípedos apreciando a arquitetura local até que chegam à Avenida Celso Portenho. Seguem pela marginal que contornava a beira do rio. A filha se recostou no muro que separa as águas tranquilas da cidade. Observou o rio claro à sua frente, era grande, parecia caudaloso.

- Foi aqui, mãe?

A mãe suspirou.

- Sim filha, foi neste lugar que aconteceu a grande tragédia. O rio transbordou e inundou a cidade inteira.

A filha Laura esfrega as mãos geladas pelo frio e volta a olhar para o rio. Não parecia uma ameaça agora. Mas era sem dúvida, poderoso.

-A névoa é sempre tão pesada assim aqui? - É uma cidade serrana, filha. Isto é natural. A corrente que desce pela montanha tem águas geladas, a neblina se condensa quando o ar úmido descansa sobre o rio.

Então Laura percebe uma súbita expressão de tristeza em sua mãe.

- Eu tenho um bilhete para entregar a você, filha.

O clima entre as duas fica tenso, pesado e estranho. Laura começa a ler ansiosa. O bilhete tinha apenas uma frase:

"Salve-a!!"

Então o despertador gritou furiosamente a sua melodia monossílaba. Laura acordou do seu sonho. Estava um calor infernal no seu apartamento no Leme. A mãe do sonho não existia. Ela não tinha conhecido sua mãe verdadeira, assim Laura nunca sentiu falta dela. Tinha sido criada com carinho pelos pais adotivos desde muito pequenina. Eram um casal de judeus que tinham fugido para o Brasil depois dos horrores de Hitler, mas agora estavam mortos. Primeiro foi ele, depois ela. A saudade dos dois era a companheira da sua solidão. Mas aquele sonho... (Que estranho! Não sabia que cidade era aquela). Ela podia jurar que era ela, aquela mulher do seu sonho, era a mãe que ela nunca viu. Podia jurar que conhecia aquela cidade onde nunca esteve e certamente saiu de sua imaginação. Ela foi até a sala de seu apartamento de dois quartos na valorizada Rua dos Ramos no Leme, que ficou como herança dos bondosos pais adotivos. Então ela o viu: era um bilhete em cima da mesa. Por um instante ficou muda, já que não se lembrava de nenhum bilhete. Curiosa, ela o pegou. Lá estava escrito:

"Vá até Padre Américo."

Então Laura se deu conta:

- Não fui eu quem escreveu este bilhete, mas como...

Ela falou para si mesma. Ansiosa, ela verificou a porta de seu apartamento: estava trancada. (Ninguém entrou... Mas como aquele bilhete foi parar ali?), pensou assustada. Cautelosamente, ela andou por seu apartamento. Procurou por alguém. Ninguém. Ela levou o bilhete de volta à mesa, e foi até o banheiro. Não conseguia entender como aquele papel estranho foi parar ali em sua mesa durante a noite. Laura praticamente enfiou a cabeça dentro da pia do banheiro e deixou a água escorrer pelo seu rosto... Ela sentiu! Havia uma presença atrás dela! Era algo apavorante...De um horror sem tamanho! Então ela acordou.

Por alguns instantes, Laura foi assimilando o que aconteceu, voltando à realidade. Foi um sonho dentro do outro sonho. Primeiro, aquela mulher carinhosa como uma mãe, depois aquela presença terrível em seu apartamento. Ela olhou para seu despertador: três horas da manhã. Laura sentou-se em sua cama; colocou os pensamentos em ordem. -Foi o sonho mais estranho que já tive. Ela falou para si mesma. Então se lembrou do bilhete:

“Vá até Padre Américo.”

Angustiada, ela foi até a mesa da sua sala e depois sorriu para si mesma. (Claro!). Não

havia nenhum bilhete na mesa. Foi só um pesadelo dentro de um sonho. Estava sozinha. Nessas horas, Laura sentia falta de alguém que pudesse confiar; considerou, mais uma vez, seu noivo: Caio. Quase dois anos juntos e a decepção de ter sido traída. Depois ela se lembrou da sua sobrinha, com quem teria um encontro importante. (Preciso dar um jeito de voltar para minha cama e dormir.), ela pensou.

Capítulo 2

- Ajude-a!

- Eu já me antecipei, mana. Vou almoçar com ela hoje.

Laura sentiu um suspiro de alívio do outro lado da linha do seu smartphone.

- Converse com ela. Faça-a ponderar bem sobre a decisão. Ela precisa realmente saber se está pronta, Laura. É muita responsabilidade... - Ela é uma menina decidida. Acho que já fez a sua escolha. Já tem dezoito anos de idade, mas vamos conversar bastante sobre a decisão dela.

- Obrigada, mana. Você sabe como ela gosta de você.

NINA

Ela escolheu aquela cafeteria. Aquele lugar era um clássico onde adorava estar em Copacabana. Laura também. A Confeitaria Colúmbia tinha dois andares, e um elevador de grades antigo levava às mesas redondas de ferro com suas bordas desenhadas. No primeiro andar, ficava apenas o balcão antigo onde senhores saboreavam o café em uma pequena xícara. Atrás do balcão, uma foto em preto e branco, da inauguração do estabelecimento, que mostrava um homem feliz na confeitaria no ano de mil novecentos e cinquenta.

Laura pegou o antigo elevador. No segundo andar, viu que a confeitaria estava lotada, logo teria que aguardar uma mesa. Em meio ao turbilhão de vozes alegres, ela a ouviu: Nina tinha chegado mais cedo. (Já pegou uma mesa para nós), Laura pensou. Quando ela se sentou, elas trocaram cumprimentos. Sua sobrinha era linda como uma judia pode ser: olhos negros, cabelos lisos e também negros. Um garçom impecável se aproximou da mesa.

- Eu já pedi, tia... Aquele sanduíche vegetariano que eu adoro.
- Por que não pediu um para mim também, Nina?
- Acho que a escolha é sempre dos clientes.

Laura percebeu a indireta; Nina já sabia sobre o que seria a conversa. Ela chamou o garçom e pediu o mesmo sanduíche. Depois se virou para a sobrinha:

- É sobre isto que vim falar, Nina. Sobre escolhas.
- É melhor não perder tempo e estragar um almoço tão especial.

Laura suspirou. Descansou sobre sua cadeira e olhou fixamente para a sobrinha.

- Mesmo com o pai decidindo não assumir o filho?

Ela fez um gesto: enfiou o dedo na garganta como se fosse vomitar. Laura achou graça.

- Aquele safado... É bom ele ficar longe de mim e do meu filho. Ele disse que meu filho

seria um bastardo. Eu já contei para você isso, tia? Bastardo!

Laura se sentiu mal quando ouviu aquilo. Ela preferiu não estender o assunto. Os sanduíches chegaram acompanhados de uma porção de batatas fritas perfeitamente cortadas em forma de pequenos retângulos. Partidos ao meio, os pães sírios tostados revelavam cenoura, tomate picado e fatias de pepinos e cebola roxas caramelizadas por açúcar mascavo.

- Parece bom.

Laura provou o sanduíche e disse:

- Que creme maravilhoso...

Nina tem um sorriso aberto:

- Não é creme, tia. É polpa de abacate. Laura agora pensa no que vai dizer. Então fala, olhando para o sanduíche:

- Não deixe de me procurar se precisar de algo, Nina.

Nina sorriu para Laura, mastigando seu sanduíche:

- E você?

- Eu o quê?

- Já tem quase trinta anos. Vai ficar para titia? Você é bonitona. Lembra aquela modelo... Ela agradeceu com um sorriso o elogio da sobrinha.

- Eu simplesmente não me considero pronta para um compromisso sério ou qualquer outra coisa do gênero.

A sobrinha entende a decepção da tia: Laura tinha descoberto que o noivo a traía habitualmente. Foi um longo período de tristeza. A tia ganhou peso e Nina chegou a imaginar que Laura estivesse com depressão. - Não quer homens agora? É uma decisão sua que eu respeito, assim como você respeita as minhas escolhas, tia.

Laura tem um olhar terno para Nina. - Saiba que você sempre me terá ao seu lado, quando precisar.

- Ainda bem, senhora Laura. Afinal eu só tenho uma tia.

Ela chegou a seu apartamento bem tarde. (O trabalho está me matando. Eu preciso de férias.), ela pensou, mas ligou seu notebook e depois que se serviu de uma taça de vinho. Ficou pensando para onde ir. Quando percebeu, estava sobre o mapa do estado de São Paulo. Sentiu-se atraída pelo interior do estado. (Que diabos uma carioca da gema como eu vai fazer numa cidade caipira de São Paulo?). Então, ela a viu no mapa: era uma pequena cidade chamada “Padre Américo”.

Capítulo 3

Agora, em seu sonho, havia uma fazenda sinistra nos arredores de Padre Américo. Uma fazenda fantasma na verdade. A trilha era opressiva, e essa pequena estrada de terra seca seguia para algo que parecia ser uma grande escuridão. Então a névoa chegou. Laura se assustou. Viu algo escondido pela neblina, algum tipo de animal. Logo ela percebeu que ele estava imóvel. Quando chegou perto, sentiu o cheiro putrefato e azedo da morte. Era uma cadela decapitada. Laura sentiu uma mistura de asco e horror com aquela cena. Ela seguiu lentamente, como se não quisesse chamar a atenção para algo que seria um grande perigo atrás dos arbustos. Então a trilha dobra à direita e fica menor. O dia vai embora. Agora uma noite estranhamente clara toma conta do ambiente. Laura viu o espantalho. Ele estava andando pela trilha com seus braços de pano balançando pelo vento em uma dança macabra. Laura sentiu um arrepio de medo com a visão bisonha do espantalho andarilho. Ele se aproximou dela em sentido contrário a trilha. Passou por ela e foi embora. Mais alguns passos e então Laura estava diante da velha mansão de madeira abandonada. De repente, ela acorda em pânico. Laura sonhou novamente com a cidade. Um sonho sombrio.

Ela estava suando frio. Eram cinco horas da manhã, mas ela não conseguia mais dormir. Estava sozinha. Laura percebeu novamente que nessas horas, ela sentia falta de uma pessoa ao seu lado. Ela se levantou e andou até seu notebook. Não queria fazer aquilo: desistiu da ideia. Foi até a sala e ligou a televisão. Olhou desinteressada para o telejornal da madrugada. Desligou a TV. Preparou um pouco de café e o tomou olhando para o nada. (É cedo... Eu posso tomar um café de verdade na padaria aí em frente.), ela pensou.

Laura vinha andando pela padaria em direção a única mesa vazia, quando um homem distraído subitamente a ocupou. Ela simplesmente tropeçou em suas próprias pernas quando o viu, e assim o café foi lançado em direção ao homem sentado à sua frente: ensopou o blazer dele. Laura levou as duas mãos ao seu rosto em um gesto de espanto e vergonha.

- Meu Deus!

Depois do susto, o homem olhou divertido para ela.

- Não faz mal. Achei até legal. Tem uma cena assim em um livro que estou lendo. Ele tirou o blazer diante de uma assustada Laura e o descansou nas costas de sua cadeira.

Ela não sabia onde se esconder. A padaria toda olhava a cena.

- Escuta, não tem problema. Hoje eu não tenho audiência. Somente algumas petições para fazer...

Ela estava muda. O homem tem um sorriso gentil:

- Aliás, no livro que estou lendo, minha aposta é que no fim a moça desastrada e sua vítima acabam juntos e apaixonados. Laura relaxa. Ela se aproxima dele:

- O senhor é advogado?

Ela fez aquela pergunta, mas depois se sentiu uma idiota.

- Sou, mas fique tranquila, eu não vou processar você. Esta era a última mesa vazia. Por que não se senta e me faz companhia? Laura se sente bem com a educação e bom humor daquele homem.

- Claro.

- Então vou pegar um café para a senhora. -
Senhorita.

- Sente-se, por favor. Tem torradas e manteiga. A torta de limão daqui é fantástica. Vou buscar duas fatias para nós.

Ela não falou nada e se sentou em uma cadeira na frente dele. (Adoro torta de limão.). Laura o observou enquanto ele ia em direção ao balcão da padaria: educado, um cavalheiro. Logo ele estava de volta. Ela diz:

- Meu nome é Laura.

Ele estendeu a mão dele a ela.

- O meu é Mikael.

Os dois conversaram por um bom tempo. Quando se deram conta, estavam atrasados para voltar ao trabalho. Antes de se despedirem, ele perguntou se ela costumava tomar café naquela padaria. Laura pensou antes de responder.

- Na verdade, não, Mikael. Eu hoje caí da cama.

Então ela olhou firmemente nos olhos dele. Levantou e pegou o blazer ensopado da cadeira dele.

- O blazer é minha responsabilidade. Assim que estiver limpo eu entro em contato com você.

Os dois trocaram seus números de telefone.

Ela chegou a seu apartamento. Percebeu que estava encantada por aquele homem educado. A conversa foi fácil... Uma química que ela nunca havia sentido antes. Nem mesmo Caio, seu único caso sério que a decepcionou, a havia impressionado como aquele homem. Apesar do cheiro forte do café no blazer, ela sentiu o perfume dele, e depois deixou a peça em uma de suas cadeiras com carinho. Então ela viu o notebook, e lembrou-se da cidade de seus sonhos, ou melhor, pesadelos.

Cautelosamente, ela acessou o Google e teclou: "Cidade de Padre Américo, São Paulo".

Depois, apreensiva, clicou em imagens. Laura viu atrações como o Instituto Manoel Sidra,

um casarão reformado que conta a trajetória do músico nascido na cidade. Viu as casas coloridas, ora azuis, ora amarelas, ora vermelhas. A ladeira de paralelepípedos complementa a arquitetura local até chegar à Avenida Celso Portenho, que acompanha a marginal do rio. Era exatamente a cidade com que ela sonhou. A cidade de que nunca havia ouvido falar. Onde nunca havia estado.

- Seu blazer está pronto.

- Que ótimo. Eu estava precisando mesmo ver você novamente.

Laura gostou do que ouviu. Depois pensou se devia convidá-lo para pegar o blazer em seu apartamento:

- Escute, Laura. Eu quero levar você a um lugar especial para um almoço inesquecível no próximo sábado na Confeitaria Colúmbia em Copacabana. Você já ouviu falar dela? - É uma das minhas preferidas.

Laura sorriu quando se lembrou

do sanduíche preferido dela e disse: - Claro.

Eu levo o blazer, Mikael.

- Deixe-o aí. Depois eu o pego. Quem está preocupado com o blazer agora, Laura?

Quando Nina chegou à Confeitaria Colúmbia, Laura não ficou surpresa, era hábito da sobrinha ir até lá. Laura e Mikael tinham se encontrado lá e estavam em uma conversa animada sobre livros. Assim que Nina os viu,

sorriu para a tia e foi em direção a eles. Laura se levantou e as duas se beijaram.

- Que surpresa agradável, tia!

- Nina, este é Mikael. Um amigo meu. Nina sorriu para o senhor junto a sua tia. - Prazer, Senhor Mikael.

- O prazer é meu, Nina. Quer sentar com a gente?

- Não, obrigada. Minha tia vai me mostrar onde é o banheiro. Vamos refazer a maquiagem, tia.

- Eu as aguardo aqui, Laura.

No banheiro, em frente ao espelho, Nina sorria para ela.

- Ele é bonitão. Onde o conheceu?

- Eu derramei café no blazer dele.

- Sério?

- Eu tropecei e meu café ensopou a parte de cima do terno dele.

- E qual foi a reação do rapaz?

- Me convidou para sentar em sua mesa. - Tem futuro?

- Por enquanto ele me encantou...

Subitamente Nina ficou preocupada com a tia: outra possível decepção após o fracasso do

relacionamento com Caio seria bem dolorida para Laura.

- Não ceda rápido.

Quando as duas voltaram à mesa, Nina se despediu dos dois.

- Eu vi minha tia lá de baixo e só vim cumprimentá-la. Adeus, senhor Mikael, tenham uma boa tarde.

Eles continuaram conversando sobre seus sonhos. Sobre suas infâncias. Laura contou a ele como tinha um carinho especial por sua família adotiva. Ele diz:

- Diferentemente dos pais biológicos, o fato deles terem adotado você revela a absoluta certeza que a decisão foi baseada totalmente no amor.

- Onde ouviu isso, Mikael?

- Em algum lugar por aí...

Quando perceberam, a tarde estava acabando.

- Você mora onde, Laura?

- Eu moro no Leme.

- Eu também.

- Então vamos caminhando até lá pela praia de Copacabana.

O momento foi agradável. A brisa trazia, com ela, a maresia do mar de Copacabana. - Você acredita em médiuns, Mikael?

- Pergunta estranha de quem viveu em um lar judeu.

- Meus pais eram uma senhora e um senhor de idade avançada. Adotaram-me quando eu era muito pequena. Não eram ortodoxos. Já

20

minha irmã casou com um rabino. Se ele ouvir esta minha pergunta sobre médiuns, eu vou ouvir um sermão e tanto.

- Por que pergunta isso, Laura?

Ela pensou se devia contar a ele. Decidiu que continuaria.

- Eu tenho sonhado habitualmente com uma cidade que eu nem sabia existir.

Laura reparou. Era como se Mikael se concentrasse em si mesmo, perdido em seus pensamentos com o que ouviu. Então ele volta a si e diz:

- A resposta para esta sua pergunta é um clássico.

Ela olhou para ele curiosa. Mikael continua: - Shakespeare afirmou que *existem muito mais coisas entre o céu e a terra do que imagina a nossa vã filosofia*.

Quando chegaram ao prédio onde ela morava, Laura perguntou a ele se morava ali por perto. - Na verdade, eu não moro aqui no Leme. Eu moro em Ipanema. Mas valeu pela caminhada ao seu lado.

Ela pensou e disse:

- Tanta gentileza assim merece pelo menos um cafezinho. Venha comigo, eu preparo um para você.

Naquela noite ela não sonhou, não teve aqueles pesadelos. Dormiu profundamente ao lado do homem que começava a amar.

Capítulo 4

Três noites depois, ela voltou a sonhar. Era um quarto escuro, ela não podia ver nada, mas Laura sabia que nunca tinha estado lá. - Salve-a!

Ela ouviu a voz desesperada vindo da escuridão. No sonho, do nada, as luzes se acenderam. Não havia pessoa alguma, apenas a mesma cadela decapitada que ela tinha visto no outro sonho. Mas desta vez era diferente: o quarto estava repleto de sangue; a cabeça pendurada no animal. Então ela sentiu o gosto metálico do sangue em sua boca.

- Salve-a!

Ela acordou do sonho. Mikael não estava ao lado dela. Ele ainda estava em viagem durante uma semana a trabalho. Depois pensou em seu sonho. Era como se alguém importante para ela estivesse precisando de sua ajuda naquela cidade. Era sempre assim. Repetitivo. Como se alguém fosse ser morto e só ela pudesse impedir aquilo. (É tudo uma loucura), Laura pensou.

- Você está meio triste hoje, tia. Não me diga que vocês terminaram!

- Claro que não! Ele está viajando, já faz quase uma semana que não o vejo... Eu sinto a falta dele.

A sobrinha e amiga se alegrou. Laura percebeu a reação dela.

- Ele me liga todo dia. Sente minha falta. É recíproco.

Assim que Laura falou aquilo, o telefone tocou: era ele. Ela atendeu feliz.

- Então, ainda sente minha falta?

- Todos os dias.

- Amanhã eu tenho uma surpresa especial para você.

Ela sorri:

- O que seria?

- Primeiro, um convite.

Ela fica muda; prestando atenção no que ele ia falar.

- Eu quero fazer um jantar especial para nós dois em meu apartamento. A surpresa é o que vou preparar algo para comermos.

O coração dela bateu forte: (é aqui onde ele mora), ela pensou. Cumprimentou o porteiro.

Ali, quando conhece onde ele morava, ela percebeu: estava mesmo apaixonada por ele.

Seu coração batia mais forte à medida que o elevador ia ao encontro do andar dele.

Quando ela chegou sorriu feliz. Ele a estava esperando na porta do seu apartamento. Deu a mão a ela.

- É aqui que eu moro, Laura.

Ela entrou e observou a bela decoração moderna e simples ao mesmo tempo. - Venha,

eu vou mostrar para você o apartamento. A cozinha é americana, praticamente uma extensão da sala. Ela já tinha percebido. O apartamento era pequeno, mas muito bem localizado em um dos pontos nobres de Ipanema. Os dois foram em direção ao interior do apartamento. O quarto tinha uma cama de casal, aquilo chamou a atenção dela. Tinha um perfume refrescante de lavanda. O ar condicionado estava ligado. O outro quarto servia de escritório.

- É aqui que trabalho como advogado quando não estou no fórum. A maioria dos meus clientes são fazendeiros de São Paulo. Por isso viajo tanto.

Eles foram até a sala. Ela se sentou em um sofá confortável e Mikael foi até a cozinha. Logo trazia duas taças de vinho na mão. - Ainda tem um lugar que você não conhece. Era uma varanda na sala, de frente para uma vista agradável de onde, ao longe, ela via uma parte da Lagoa Rodrigo de Freitas.

Tinha uma pequena mesa redonda de vidro e duas cadeiras que pareciam tecidas por bambus finos. Ela adorou o local. Os dois se sentaram e brindaram.

- Eu não tenho o hábito de beber, mas este vinho branco é uma beleza, Mikael.

- É de uma safra diferenciada. Eu estava esperando um momento especial para abri-lo.

- Estou curiosa. Qual vai ser o almoço? - O

que vai bem com um vinho branco? - Agora fiquei mais curiosa.

- Você vai provar um filé de linguado com alcaparras. Se não gostar, a gente pede um hambúrguer mesmo.

Ela riu.

- Eu adoro peixe, mas linguado... Eu nunca provei. Dizem que é uma fortuna. Se eu não gostar, prefiro uma salada mesmo. Nada de hambúrguer; estou precisando perder peso. O almoço estava uma delícia, leve e saboroso.

- Nem parece que acabei de comer; estou me sentindo leve como uma pluma.

- Ótimo! Fico feliz que tenha aprovado minha surpresa.

Ele se levantou de sua cadeira e deu a mão a ela. Ela acompanhou o gesto dele.

Na manhã seguinte, ela estava acordada ao lado dele, descansando a cabeça em seu ombro. (Quais são seus planos para o futuro, Mikael?), ela pensou, mas não falou nada. Ele perguntou:

- Hoje é sábado; quais são seus planos, Laura?

- Normalmente eu vou à praia do Leme, tenho alguns amigos de longa data ali. Quer conhecê-los?

- Fique comigo, Laura. A gente vê um filme e você pede aquela salada que você falou. Ao seu lado o tempo passa rápido.

Ela tomou uma decisão: precisava deixar algo claro para ele.

- Eu já vou, Mikael. O almoço, você, a noite foi ótima, mas quero que saiba que eu não sou uma mulher apenas em busca de sexo e uma eventual companhia.

Mikael já sabia o que falar, mas antes que ele dissesse algo, ela delicadamente cobriu a boca dele com sua mão direita.

- Não fale nada, Mikael, apenas me ligue amanhã se tiver planos para nós dois.

Ele ligou enquanto ela estava na praia; Laura ficou eufórica, mas em silêncio. As amigas na praia perceberam.

- Não é um casinho qualquer, Laura. Eu estou apaixonado por você, quero que você saiba disso. Tenho muito mais do que planos para nós dois. Nunca ninguém mexeu comigo como você.

Laura quase pulou de alegria de sua cadeira de praia.

- Você me faz a mulher mais feliz do mundo. As amigas sorriram uma para a outra com a felicidade de Laura ao telefone.

- Esta noite eu vou levar você a um lugar especial, um restaurante maravilhoso.

Lá podemos conversar sobre nosso relacionamento.

- Eu aceito o convite! Onde fica?

- Você ainda não sabe que eu adoro surpresas? Espere por mim às sete e meia da noite em seu apartamento.

- Não vejo a hora!

Assim que ela desligou o telefone, as amigas ficaram atentas e curiosas.

- Como ele é? O que ele faz?

- Ele é elegante e gentil. Carismático. Um grande advogado.

As amigas perceberam que algo muito importante estava nascendo no coração de Laura.

Capítulo 5

Laura acordou. Mais um pesadelo terrível. Ela tenta colocar seus pensamentos em ordem e entender o que está acontecendo. No sonho, ela estava atrás de um enorme casarão, o mesmo dos outros pesadelos. Tinha ultrapassado aquela fronteira. Agora uma nova trilha de barro seco terminava em um pequeno barraco de madeira. Ela foi em direção a ele; a noite chegou subitamente. Uma noite estranhamente clara e não havia lua no céu. Assim que chegou à porta, o medo deu lugar ao terror, que deu lugar ao pânico. Quando ela acordou, estava ao lado dele.

Mikael olhava para ela:

- Você está bem?

Ela fica olhando para ele:

- Foi um daqueles pesadelos horrorosos dos quais eu já contei para você. É simplesmente inexplicável. É como se alguém precisasse de minha ajuda contra um mal eminente. Ele se senta ao lado dela na cama.

- Você gritou enquanto sonhava. O que posso fazer para ajudá-la?

Ela olhou para ele com ternura.

- Nada. Eu acho que estou precisando mesmo é de um psiquiatra.

- Nunca mais diga uma bobagem dessa. Ele a abraçou carinhosamente.

- São cinco horas da manhã. Você acha que consegue dormir novamente, Laura?
- Sinceramente... Acho que não. Sinto muito, Mikael. Eu não queria atrapalhar seu sono. Eu vou para casa.
- Nada disto. Eu levo você para casa. Depois vou direto para o interior de São Paulo. Volto em seis dias. Mas não deixarei de ligar para você.
- Assim que eles saíram, ele colocou a chave do apartamento debaixo do pequeno tapete à porta de entrada.
- Vamos, Laura. Quem sabe você não consegue dormir mais um pouco quando chegar a sua casa?

- Então? Como foi o seu primeiro dia de trabalho no aeroporto do Galeão?
- É tudo muito simples, fácil. Checar a passagem, pesar e despachar malas pela esteira.
- Mas o salário é bom?
- Claro, e o ambiente é ótimo. A gente sempre vê celebridades.
- Eles receberam você bem?
- Sim, é uma grande empresa, uma multinacional. Eles sabem que minha gravidez durante o treinamento não foi intencional ou algo assim... Sim, fui bem recebida.
- Ótimo, então vamos comemorar...

Laura foi até a geladeira e trouxe uma jarra de suco de laranja. Depois pegou alguns biscoitos e colocou tudo na mesa da copa. As duas se sentaram.

- E os sonhos, tia?

Laura suspira.

- Eles vão e voltam.

Nina percebe a preocupação, quase uma aflição no rosto de Laura.

- São apenas sonhos, tia...

Laura se lembrou de um versículo da bíblia sobre médiuns.

“Não se achará entre ti quem faça passar pelo fogo o seu filho ou a sua filha, nem adivinhador, nem prognosticador, nem agoureiro, nem feiticeiro, nem encantador, nem quem consulte um espírito adivinhador, nem mágico, nem quem consulte os mortos; pois todo aquele que faz estas coisas é abominável ao Senhor”

- Só sei que eles estão me deixando quase louca...

Nina sentiu necessidade de mudar de assunto. - E o príncipe encantado?

Agora Laura sorri.

- Ele está em viagem de trabalho. Volta depois de amanhã.

- E quando teremos copos quebrados? - Ele não é judeu, Nina. É um católico não praticante. Casaremos apenas no civil, se tudo der certo.

Nina se alegrou quando ouviu aquilo: eles já estavam falando em casamento.

- Fico feliz, tia. Tenho certeza que tudo vai dar certo.

- Você quer que eu leve você ao aeroporto do Galeão?

Mikael sorriu para sua esposa.

- Adianta falar que não precisa? Você sempre me acompanha.

11

Capítulo 6

- Então? Ainda é sua primeira semana de trabalho. Alguma dificuldade, Nina? - Não, senhor Dorival. Até aqui tudo bem... - Ótimo, mas se precisar de ajuda, sabe onde me encontrar.

A manhã seguia tranquila no aeroporto do Galeão. Era apenas mais uma segunda-feira de pouco movimento. Então Nina o viu: era ele; a nova paixão de sua tia. (O que ele estaria fazendo ali?), pensou em ir em direção a ele para cumprimentá-lo.

- Kátia, eu estou vendo um amigo bem ali. Eu vou lá dar um abraço nele e já volto. - Faltam quinze minutos para o seu plantão. Não vá perder a hora.

- Sem problemas.

Enquanto ia se aproximando dele, Nina paralisou: uma loira bonita, uma comissária de bordo estava com ele; de longe ele não a reconheceu. Nesse momento, ela o vê dar um longo beijo na boca daquela mulher. Nina fica em choque.

- Não pode ser...

Ela falou consigo mesma, deu as costas a eles e foi de volta em direção a seu local de trabalho. Tentou manter a calma.

- Kátia, você conhece aquela senhora bonita lá na frente com uniforme de comissária de bordo?

12

Kátia se esforça para encontrar a moça com seus olhos.

- Claro! Aquela é Ingryd, comissária de bordo da KLM.

- E aquele homem ao lado dela?

- É o marido dela, um homem sem dúvida apaixonado. Ele sempre a traz até o aeroporto antes das suas longas viagens e fica esperando até o avião decolar. É comum ela ficar dias em viagem. Por que o interesse?

Nina fica calada, muda. Chocada. (Merda! minha tia está se entregando nos braços desse cafajeste!), Nina pensou. Não tinha ideia como contar a sua tia sobre Mikael. Teria que ter uma prova definitiva e isso foi fácil. Com a ajuda de um conhecido do escritório da KLM e algum dinheiro na mão, ela conseguiu uma cópia da ficha pessoal da comissária de bordo: Ingryd Van Stark, mãe de dois filhos, casada com Mikael Stark. Era tudo que precisava acontecer.

- Está tudo bem, Nina?

A tia perguntou preocupada. Ela sentiu que tinha algo errado assim que a sobrinha entrou porta adentro em seu apartamento.

-Tia, sinceramente, eu não sei nem por onde começar...

Laura ficou focada.

- É algo...

- É sobre o bebê?

A sobrinha suspirou. (Melhor ser direta.), ela pensou.

- É algo sobre Mikael. Ele não é o homem que você pensa. Ele é casado, tia.

Laura, por alguns instantes, não absorveu a informação.

- Não pode ser verdade...

Nina se sentia como se tivesse a missão mais difícil da sua vida.

- Eu o vi no aeroporto com a esposa. Ela é comissária de bordo.

- Só pode ser um engano...

Laura falou. Entretanto era visível que ela estava começando a ficar abalada.

- Ele costuma viajar muito, não é?

Supostamente para visitar clientes no interior, não é?

- Sim...

- Não é verdade, tia. Ele não viaja a trabalho.

Ela é que viaja como comissária de bordo, e então ele procura você. Quando ela volta, ele inventa essas viagens e fica com ela. Laura agora parecia confusa. Depois de algum silêncio, ela disse pensativa:

- Ele está me usando para ter sexo fácil.

Respirou fundo; uma estática Laura continuou:

- Nenhum homem pode ser tão canalha assim...

O clima estava tenso. Laura precisava de uma prova. Nina puxou a cópia da ficha de Ingryd.

- O nome dela é Ingryd, tia. Provavelmente não sabe de nada. É mais uma vítima do cafajeste.

Laura leu na ficha: Ingryd Van Stark, casada com Mikael Stark.

Ela se levanta e vai até a janela. Fica olhando perdida para a paisagem. Nina está atrás dela. Laura limpa as lágrimas dos olhos.

- Eu sinto muito, tia...

- Sente? Por quê?

Agora ela se volta para a sobrinha. Estava fria como um balde de gelo.

- Por ter me livrado de um mentiroso? Então Laura solta uma risada amarga. - Eu contei a ele sobre meus pesadelos e perguntei se ele acreditava em médiuns. A imbecil aqui não sabia nem enxergar que ele era casado. Na certa, ele me acha uma idiota. Nina se levanta e abraça Laura. Um abraço terno e sem resposta por parte da tia. Laura se lembra da chave que foi colocada embaixo do tapete. (Claro, como explicar para a esposa sobre a chave de um apartamento que ela nem sabia que existia).

- Então é isto: aquele apartamento é só para diversão, para tratar mulheres como prostitutas e ainda por cima sem pagar nada. Nina se desfez do abraço.

- Esqueça dele, tia.

- Quanto tempo ela vai ficar fora desta vez, Nina?

- Só três dias. Ele já ligou, tia?

Assim que a sobrinha falou aquilo, o telefone fixo tocou; era ele. Laura atendeu a chamada:

- Amor? Já estou na cidade. Vamos nos encontrar onde? No meu ou no seu apartamento?

Laura conseguiu falar como se não soubesse de nada:

- Prefiro o seu. Gosto do perfume dele. A sobrinha ficou espantada com a frieza da tia quando entendeu que era Mikael no telefone.

- Mas agora eu estou em uma situação meio complicada aqui com minha sobrinha, eu ligo para você assim que puder.

- Que pena... Vai ligar hoje ainda? Desta vez, eu só tenho duas noites. Daqui a três dias, viajo novamente.

A voz de Laura ficou mais maliciosa do que nunca.

- Prometo que você não perde por esperar; vai ser uma surpresa e tanto.

Quando desligou o telefone, Laura olhou firme para a sobrinha.

- Obrigada, Nina. Agora é comigo. Esqueça esta estória. Nessa ficha tem o telefone da esposa dele?

Mikael estava satisfeito; no início ficou com uma pulga atrás da orelha. Logo depois do último telefonema, foram duas noites em que ela o rejeitou. Mas agora sabia o porquê: ele não conhecia a estória da sobrinha dela: a jovem estava grávida e o namorado não assumiu a criança, então Laura passou esses dois dias em tempo integral, consolando-a. Agora estava livre para ele novamente. Então veio uma boa notícia para ele: Ingryd ligou, dizendo que o avião passaria por uma rápida revisão e ela chegaria um dia além do esperado. Imediatamente ele ligou para Laura:

- Laura, fiquei sabendo agora que tenho de ir a São Paulo amanhã bem cedo. Não sei quanto tempo vou ficar por lá. Não me deixe sozinho nesta noite; preciso vê-la antes de partir.

- Prometo que estarei aí como pediu. Nada neste mundo me daria maior prazer. Ele tinha um sorriso predador quando disse: - Então fica combinado; eu espero você para o jantar em meu apartamento, Laura.

- Certo. Como eu disse, você não perde por esperar. Esses últimos dois dias eu tive de dar atenção total à minha sobrinha. Um beijo.

A porta se abriu: era Mikael chegando ao seu apartamento em Ipanema. Então, a pior surpresa possível o estava esperando: Ingrid, sua esposa, ao lado de Laura; ela tinha um sorriso debochado e agressivo.

- Eu custei a acreditar quando esta moça me contou a estória de vocês.

Mikael estava branco como neve, completamente sem ação ou fala; Laura se aproximou dele.

- Eu fiz uma cópia da chave e dei a sua esposa, afinal o que é seu é dela.

Quando saiu, a última palavra que ouviu de Ingrid para o marido foi um grito:

- Canaaaalha!

Capítulo 7

Nina chegou ao seu trabalho no aeroporto. Ainda faltava meia hora para assumir seu posto no balcão da empresa e foi quando Márcio, o rapaz que trabalhava na KLM e que tinha cedido a ficha de Ingryd a ela, ligou em seu smartphone; parecia preocupado. - Nina, encontre comigo no terraço. Lá de onde vemos os aviões aterrizarem e partirem. É urgente.

Ela apressou o passo; não estava com um bom pressentimento. Só pode ser algo ligado à cópia da ficha que ela tinha pedido a ele. Aquilo era ilegal, já que as informações eram confidenciais. Logo estava ao lado de Márcio, e ficaram cercados pelo barulho infernal de aviões taxiando.

- Você já sabe?

- Sabe do quê?

- A Ingryd está morta.

Aquilo assustou Nina; ela ficou calada olhando para ele.

- Todo mundo já sabe, Nina... Foi uma explosão em um apartamento em Ipanema, e o marido de Ingryd morreu juntamente com ela... A polícia suspeita de um vazamento de gás accidental.

- Meu Deus!

Atônita, Nina conseguiu falar.

- Por que me pediu uma cópia da ficha dela há alguns dias atrás, Nina?

Nina ficou pensando no que dizer, ainda perplexa em meio à notícia.

- É melhor não saber, Márcio.

Ele olha direto nos olhos de Nina; parecia ameaçador. Ele diz em tom autoritário: -

Nunca conte a ninguém sobre eu ter dado para você uma cópia da ficha. Apenas se lembre do que eu te falei agora.

Antes que ela conseguisse dizer algo, ele deu as costas a ela e foi embora. Nina olhou para o relógio; faltavam dez minutos para seu turno.

Não podia simplesmente dar uma notícia como esta por telefone para a tia em tão pouco tempo.

Laura abriu o jornal, e imediatamente, uma pequena foto de um apartamento em chamas a noite atraiu a atenção dela. Ela prendeu o fôlego.

“Acidente mata casal em incêndio em Ipanema. O senhor Mikael Stark e sua esposa, Ingryd Van Stark, um casal de meia idade, faleceram em um incêndio ocorrido na Rua Vinicius de Moraes, nesta noite de terça-feira. A suspeita é que um vazamento de gás provocou uma forte explosão que logo deixou o apartamento em chamas. Quando os bombeiros conseguiram controlar o incêndio e entrar no apartamento, os dois já estavam mortos.”

Laura parou; não conseguia ver mais nada. Correu para o banheiro; precisava vomitar. Ali sentada no chão ao lado da privada cheia da golfada, ela tentava raciocinar confusa e incrédula com a notícia. (Seria tudo só uma coincidência? Será que ela se matou e levou o marido junto? Ou o contrário? Pobre mulher, custou tanto a acreditar que o casamento dela era uma farsa... No fim aquela morte horrível, os dois juntos, e no mesmo dia em que ela descobriu a verdade).

- Então tia? Como está lidando com isto tudo? (Nina sempre direta.), Laura pensou. Depois pegou a jarra de suco de laranja habitual e a colocou junto aos copos na mesa. Ela suspirou.

- Às vezes acho que tudo não passa de um pesadelo.

- Não paro de pensar nisso, tia.

Laura não queria falar sobre aquilo, mas a sobrinha tinha razão: fugir de um problema não resolve nada. Laura fica calada, olhando para o nada.

- Será que o incêndio foi só um acidente, tia? Nina observou sua tia: ela estava pálida, e era óbvio o porquê. (Tudo aquilo afetou profundamente minha tia Laura. Não tinha como ser de outra maneira), Nina pensou. Laura continuava olhando para o nada quando falou como se estivesse sozinha. - Eu

não tenho certeza, mas tem algo me deixando louca. Eu acho...

Nina estava em silêncio quando Laura se virou para ela.

- Eu acho que sonhei com um incêndio antes de tomar conhecimento da notícia.

À noite, ela sonhou de novo, mas agora tinha aquele grito em meio àquela escuridão estranhamente clara:

"Canaaalha!"

Era o grito de Ingryd, que agora ecoava na cidade de Padre Américo. Laura acordou suando. Decidiu ali mesmo, na cama: no dia seguinte iria para a cidade de Padre Américo.